

# *O devir como construção literária: Representações do intelectual nas literaturas angolana e guineense*

Jorge Otinta<sup>1</sup>

## **Resumo**

Sabe-se que o intelectual é aquela figura pensante que atua, através de suas contemplações, no mistério contido nas coisas. É o Homem que persiste e, por isso mesmo, aposta na capacidade da resistência continuada, advogando a causa da superação. Eis porque objetivamos no presente artigo refletir sobre suas representações nas literaturas de língua portuguesa, em especial em Angola e na Guiné-Bissau e, simultaneamente, sobre suas atuações como agente motor das transformações sociais, culturais e políticas no seu espaço geográfico. É, por isso, que superando-se, ele, humanamente falando, apresenta saídas possíveis para os problemas que afetam os seres humanos. Assim, pretendemos ilustrar como nossos intelectuais têm atuado desde a proclamação dos Estados guineense e angolano, desde 1973 e 1975, respectivamente.

**Palavras-chave** Angola; Guiné-Bissau; literatura comparada; representações do intelectual; literatura em língua portuguesa.

Manuscrito submetido a 30 de março de 2019

Aceite a 19 de dezembro de 2020

Publicado online a 30 de dezembro de 2020



Política de Privacidade  
CC-BY-NC | Open Access  
Creative Commons

<sup>1</sup> Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa (INEP); Associação Guineense de Escritores (AGE) | [oxsa77@gmail.com](mailto:oxsa77@gmail.com)

# *Kil ku ta bin ku skirbi libru: Manera di odja intelektual na libru angolano ku guinensi<sup>2</sup>*

Jorge Otinta

## **Rusumu**

I sibidu kuma intelektual i kil alguin ku pensa, ku ta atua atraves di si pensamentu, na sigridu ku ta sta na tudu kusa. I pekadur ku ta fiansa na luta, ku ta pui forsa na rizisti, pabia i fiansa kuma i na superal. Na es testu no na analiza kuma ki intelektual ta mati na librus ku skirbidu na portuguis na Angola ku Guine Bisau. No na konta ke ki i ta fasi suma alguin ku ta djuda na muda sosiedadi, us ku pulitika na si kau di mora. Ora ki intelektual ta konsigui supera si kabesa suma pekadur, i ta djuda otcha sulusons pa purblemas ku ta kansa utrus pekaduris. No misti mostra kuma ku intelektualis ta atua dedi na 1973 ku 1975, kontra Guine ku Angola liberta.

## **Nomi-tchabi**

Angola; Guine Bisau; komparason di libru;  
manera di djubi intelektual; librus na portuguis.

---

<sup>2</sup> Nota de edição: A ortografia do kriol segue o modelo proposto em Scantamburlo, L., *Dicionário do Guineense*, Vol. 2 (FASPEBI, Bubaque, 2002) e em Scantamburlo, L., *O Léxico do Crioulo Guineense e as suas Relações com o Português* (Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2013).

Somos todos, no fundo, feitos de areia!  
(Mana Tchambú)

Quantos há que sabem onde se encontra  
esse caminho de areia no meio da areia?  
(Comissário Político)

## Introdução

Nos países de língua portuguesa, as narrativas se concretizam como um devir histórico e social. Por isso, pode-se dizer que seus Estados podem ser concebidos como arquitetura de suas estruturas sociais, económicas, políticas, jurídicas e culturais. É isto que nos dá o conceito de nação (a comunidade imaginada ou imaginária, segundo Benedict Andersen). Nesses Estados, independentemente da desigualdade e da exploração efetivas, todos os cidadãos devem ter em mente a imagem da vida em comum no mesmo espaço geopolítico. Quais as possibilidades de novos rumos para os Estados guineense e angolano? Eis uma das preocupações deste pequeno ensaio.

Nas linhas a seguir, tentarei esboçar as representações do intelectual na sociedade e como é desenhado literariamente, quer do ponto de vista de sua proposição ideológica, em termos de assunção de novos rumos nos países em questão, quer do ponto de vista de intervenção, assegurando a necessária realização da utopia do possível.

## Outrora-agora: O significado histórico da construção das nações angolana e guineense

A construção da ideia de nação parece estar intimamente ligada às questões históricas, políticas, económicas e culturais. Ou até mesmo às filosóficas. Contudo, não são eventos que dependem da vontade exclusiva dum indivíduo, ou mesmo dum grupo, ainda que numeroso. Mas da vontade de muitos, segundo Gramsci (2004), de vontades que se manifestam na realização de certos atos e de atitudes espirituais a eles correspondentes.

No romance *Mayombe*, o Chefe de Operações, numa definição do que seria a figura do intelectual e, de um modo específico, diz-nos o seguinte de Sem Medo:

É um intelectual, é isso que complica as coisas. [...] ‘Ele não dorme’. [...] eu um filho de camponês. /... / Mas Sem Medo é um homem. Quando combate, tem o mesmo ódio ao inimigo que eu. As razões são diferentes; mas os gestos são os mesmos. Por isso o sigo no combate. O mal é ser um intelectual, é esse o mal: nunca poderá compreender o povo. (Pepetela, 1982, p. 231)

Como se pode depreender do trecho supramencionado, Sem Medo é o intelectual que não dorme. Também o são Verdade e o Chefe de Operações. A preocupação do intelectual é pensar e refletir sobre o mundo, sobre os eventos que se apresentam todos os dias a seus olhos, esperando dar uma resposta crítica e racional.

Constata o Chefe do Depósito que Sem Medo “fala como age” (1982, p. 204), embora, paradoxalmente, o próprio Chefe de Operações nos diga que Sem Medo tem um problema enquanto intelectual, o de não compreender o povo.

A compreensão do povo passa necessariamente pela criação dum partido que, embora dominado pelos intelectuais, possa fazer uma política a favor do proletariado, do povo. A partir do momento em que se desconstruir tudo (o passado, mais exatamente) é que se pode caminhar em direção à utopia da esperança de Kianda e à utopia do Amor reencontrada por Ulume com sua segunda esposa, Munazai, após a sua traição e fuga para Calpe: “Olhou para o céu e viu as estrelas aparecer. Tinha também Muiza, a Vénus dos brancos, a mais linda de todas as estrelas. E Ulume, o homem, sorriu para ela”.

Afinal tanto o mundo dos possíveis como o mundo dos impossíveis são feitos de permanente construção e desconstrução.

E, tal como é sabido por todos nós, enquanto há esperança há sonho, quer ele tome o nome de Sem Medo, de Yaka, de Aníbal, de Ulume, de N'Dingui ou simplesmente de Kianda, polvo ou *kikia matcho*. Porque, como sonho novo, ele tem sempre potencialidades para vencer o pesadelo do primeiro sonho nacionalista traído ou desapropriado:

Por isso também não viu fitas de todas as cores do arco-íris saírem do lugar da lagoa do Kinaxixi, percorrerem a vala cavada pelas águas, iluminando a noite de Luanda, descerem a rua da Missão e a calçada que levava à Marginal e continuarem por esta, ultrapassarem o Baleizão, com as águas que formavam gigantesca onda inundando toda a Avenida e indo chocar em baixo da Fortaleza contra a antiga ponte que os portugueses encheram de entulho e pedras e cimento, fazendo a Ilha deixar de ser ilha para ficar península, ligada ao continente por esse istmo de pedras e cimento contra o qual vinham fitas de todas as cores, e derrubaram o istmo, se misturando as águas que vinham da lagoa com as águas do mar e as cores vivas se espalhando a caminho da Corimba, agora que a Ilha de Luanda voltava a ser ilha e Kianda ganhava o alto mar, finalmente livre. (Pepetela, 1995, p. 119)

Se em Pepetela este sonho utópico, um devir-outro de felicidade suprema que se pretende atingir, está intimamente ligado à realização do desejo de Kianda, ou o beber da água do Bengo e, a partir desta imagem de ancestralidade sagrada e profunda de África, projetar-se ao verdadeiro nacionalismo e desenvolvimento, em Filinto de Barros é um grito contido que faz advertir aos cidadãos que não deixem que os morcegos que estão a rondar a pátria os impeçam de enxergar lá no céu, ainda que

não estrelas, mas a última réstia de esperança de construir unidade e progresso nacionais.

E é por isso que, no ato de escrever, Pepetela, Luandino Vieira e Filinto de Barros, servindo-se da literatura e dos discursos sobre seus referenciais históricos, proporcionam ao leitor a abertura de inferências sobre a vida social de seus países.

Configuram-se, para eles, percepções inteligíveis que os levam ao interior de cavernas simbólicas para que, de dentro destas, descortinem não apenas questões de ordem referencial, mas também as relativas à construção da trama romanesca.

Assim, para a perspectiva que se embala pela possibilidade do “reino da felicidade” – figuração utópica – é, desde logo, para eles, necessária não somente uma apropriação crítica da documentação histórica disponível, mas também todo o material não escrito disponível nos cantares e nos sonhos populares, especialmente nos fatos, nas situações, nas curiosidades, nas histórias e noutras fontes afins, presentes no imaginário inventivo da imaginação poética nacional.

Como a ficção os leva a partir desses repertórios, os vazios serão preenchidos pela imaginação. É de se repetir como Luandino Vieira em *Luuanda* (1982, p. 97): “E isto é verdade, mesmo que os casos nunca tenham passado”. Dessa maneira deve-se ressaltar que a imaginação preenche os vazios, lacunas e lapsos com que a memória histórica se depara e, simultaneamente, cria episódios e situações que tornam a narrativa mais coerente e persuasiva.

Eles se propõem a isso. Pepetela na sua constante (re)visão da História construída e revista sob a perspectiva da nacionalidade, ao passo que Barros traz ao leitor uma síntese do processo histórico dum país, que não passa, segundo suas próprias palavras, de um “pequeno exercício de ficção. Nem história, nem sociologia, nem etnologia, nem política, tão-somente uma abordagem que se pretende dinâmica do processo de síntese sócio-cultural de um povo” (Barros, 1999, p. 7). Ora, em Luandino vemos retratado o microcosmo de Luanda (metáfora signífica da angolanidade em permanente construção), com toda crítica social construtiva proveniente desta construção identitária nacional.

Se, na situação colonial, a potência colonizadora explora e discrimina os cidadãos autóctones, é compreensível que o nacionalismo e a luta pela independência sejam positivos e atraiam o idealismo e a honestidade daqueles que são considerados os melhores homens. Melhores no sentido de terem sido os pioneiros desta obra-prima. Todavia é de se admitir que os que outrora foram os obreiros de toda a orgânica da nacionalidade podem tornar-se, com o esvair dos ideários revolucionários, em “vilões” de sua própria obra. Deve-se ressaltar que, se alcançada a independência, o nacionalismo vier a se transformar numa ideologia retrógrada e perigosa, o que seria valor pode se converter em desvalor. Isto é, num grande desserviço para as nações em projeto de construção.

## A ética no processo de formação da consciência cidadã

O *ethos* deve aqui ser entendido como a via necessária para atingir, transversalmente, a utopia desejada. É o processo, o caminho, a estrada a ser percorrida por todos os cidadãos.

A história redesenhada, na prática, como projeto do ser humano para uma nova sociedade, no caso das sociedades em análise, foi concebida graças às influências da filosofia marxista-leninista, e, sem sombra de dúvida, refletida e interiorizada no interior das mesmas.

Ora, passados anos, parece que o estilo de vida capitalista tornou-se sobressaliente. Ou seja, apregou-se a igualdade social, bem ao estilo marxista-leninista, contudo, levava-se o estilo de vida capitalista. Pergunto-me: há perspectivas éticas e utópicas novas para se ter um sonho diurno (e não sonhos noturnos)?

Ressalto, no entanto, o fato de que ela (a ficção) inspira-se na vivência, ainda que continue ela mesma sendo ficção. Ou seja, outra realidade. Eis porque da matéria literária pretendo reflectir sobre a ética cidadã (mais precisamente, sua influência na formação da consciência de cidadania sã).

Entre as duas realidades (ficção e realidade) existem vínculos e interdependência, assim como transversalidade. Tal fenómeno explica o entrelaçamento entre História e Literatura nos países africanos de língua portuguesa – objetos do presente estudo, embora de um modo especial em Angola e na Guiné-Bissau. E, noutra direção, encontramos nesse entrelaçamento um concerto de coerência, beleza e perfeição inconcebíveis no nosso quotidiano. E, por isso mesmo, provocam impactos no leitor: “É por isso que a ficção nos enriquece e nos torna mais sensíveis ao confrontar o mundo real, sobretudo diante de suas carências e imperfeições” (Llosa, 2011, 13 de maio), disse-nos o mestre das Letras, Mário Vargas Llosa.

E isso, também porque a literatura educa para que tenhamos um olhar sensível sobre o mundo real. Atentemo-nos para a seguinte passagem do *Mayombe*, no diálogo entre Sem Medo e Ondina que, sentados numa varanda, a acompanhar o movimento das pessoas em direção ao bar da pequena cidade de Dolisie, constataam:

- Nunca gostei das cidades pequenas – disse Sem Medo. – Ou das grandes cidades ou do mato. ‘As cidades pequenas põem-me doente’.
- O que não suportas é trabalhar num *bureau*.
- Isso também, é claro. Mas as cidades pequenas, em que ‘todos sabem tudo’, põem-me doente.
- Por vezes penso que fugiste do teu curso, com o pretexto de vir para a luta. Não te vejo como economista, sentado a uma secretária. No outro dia observei-te. Estavas sentado à secretária e mexias todo o tempo, como quem está incomodamente instalado. Como economista, devias ser bem feliz...

- Depende. Há economistas que se mexem, que não trabalham num *bureau*. Não me vês como economista, vês-me então como?
  - Militar.
  - Só?
  - Sim, só te vejo como militar.
  - Também eu, Ondina. Esse é o problema. Porque um dia será necessário abandonar a arma, já não haverá razão para vestir farda... Porque também não gosto de estar num exército regular.
  - Que farás então, quando a guerra acabar?
  - Não sei, isto não me preocupa. E tu?
  - Estamos a falar de ti. Não te vejo também como marinheiro, não é esse o teu gênero. E não és pessoa para viver duma pensão e entreter os outros com os teus feitos de guerra.
  - Em suma, não tenho futuro. Mas isso não me atrapalha.
  - No entanto, deves fazer planos. Por vezes não sonhas com o futuro?
  - Sim.
  - O quê?
  - Coisas impossíveis.
- (Pepetela, 1982, pp. 206-207)

Fatos que segundo o próprio Sem Medo podem ser considerados sonhos quase que irrealizáveis, tais como: que os homens aceitem as ideias e as opiniões dos outros; que tenham a liberdade de fazer aquilo que lhes apetecer, como andar nus pelas ruas do seu bairro ou pelas estradas da sua cidade; que se ria, sorria como se queira; que se ame e se faça amor sem que, entretanto, se pense nas consequências do ato.

As literaturas em língua portuguesa portam marcas de distinção, não apenas no estilo de cada escritor, mas também de suas nacionalidades. Elas não estão imunes a preconceitos e compreendem sua posição periférica no campo literário, adotando, ainda que de forma inconsciente, estratégias que permitam superá-la.

Para tanto, procuram valorizar – entre outras inclinações – a experiência vivida e os efeitos de autenticidade discursiva, que se configuram em rede com outros campos das ciências humanas.<sup>3</sup>

Em *Kikia Matcho*, por exemplo, o grupo de intelectuais revolucionários, muitos deles feitos à pressão, nos “centros especializados de propaganda sitos para lá do Muro de Berlim” diz o narrador, estavam eles confrontados com a nova realidade que não dominavam e, postos à prova, sentiram insegurança em relação à competência para tocar a máquina administrativa do Estado uma vez que não conseguiram conciliar a realidade da luta com a nova realidade dum país carente de recursos humanos.

---

<sup>3</sup> Reporto-me ao pensamento, sempre presente em sua escrita e intervenções acadêmicas, de Benjamin Abdala Júnior (2002, 2007, 2008).

Por isso, ironicamente, mas com sagacidade o narrador frisa que:

o contacto com a cidade, com os seus colchões de espuma, seus aparelhos de ar condicionado, suas meninas de esmerada educação e, sobretudo, de tez clara, mudou os revolucionários. Em vez do suicídio da classe pequeno burguesa tão caro a Cabral, deu-se o aburguesamento do campesinato. O discurso revolucionário de ‘tudo fazer em nome do povo’ dera lugar ao ‘com o poder não se brinca’. Em vez de livros, medicamentos, surgiram os volvos e as ‘comadres’ e, como corolário, a violência policial. (Barros, 1999, p. 24)

É nesse ambiente da impossibilidade de sonhar com o devir de um outro mundo possível que Joana decidiu, tal como muitos de seus conterrâneos, seguir o sonho do Eldorado português, em busca de melhores condições de vida. É o mesmo sonho que trouxe Benaf a Bissau. Para este, como intelectual, poderia um dia tornar-se ministro de Estado.

Os contrastes e as ambiguidades das sociedades angolana e guineense propiciam uma visão ampla, simultaneamente discriminatória e aglutinadora desses espaços nacionais, marcados por intensas formas de mobilidade não apenas espaciais como também culturais. Não poderia ser diferente, pela presença histórica de sucessivas civilizações. As artes plurais africanas nos dão uma nova dimensão da África (e de suas literaturas em língua portuguesa) por oposições duais, tais como os oxímoros da linguagem. É nela que as portas do mundo se abrem. E também suas portas se abrem para o mundo.

Ainda em termos das posições dos intelectuais, como se verifica nesses romances, havia os que, sendo idealistas, tinham algumas dúvidas ou desconfianças em relação à possibilidade de atingir os ideais revolucionários. Sem Medo é sinal desta geração de idealistas que não se via numa Angola independente. A encarnação deste tipo de intelectual em *Mayombe*, o romance, demonstra um pouco dessa reserva em relação ao devir histórico utópico.

Reportando-nos ao romance guineense, duas questões nos desafiam: a) “Se tinham [os intelectuais revolucionários] sido tão apoiados pelo povo, como era justificável que se torturasse em nome desse mesmo povo?” ou b) “Como era possível que uma ‘máquina’ que trabalhou tão bem na Luta tivesse produzido no seu seio autênticos ‘monstros’?” (Barros, 1999, p. 129).

Foi um desvendar gradual de situações e atitudes. Muitos intelectuais foram forçados a pactuar com elas, sendo que levaram uns tantos a afastarem-se, porque não podiam compactuar com o que estava acontecendo. Se alguns permaneceram por julgar ser possível ainda “dar a volta por cima”, veio depois o desmoronar dos sonhos. É a utopia desnecessária a vingar sobre os sonhos.

No epílogo do romance de Pepetela, diz-nos o Comissário Político, que evolui e constrói uma “nova pele”: “Há [homens] que precisam de escrever para despir a pele

que lhes não cabe... Outros mudam de país. Outros de amante. Outros de nome ou de penteado” (Pepetela, 1982, p. 268). Mas ele perdeu um amigo – Sem Medo.

A ideia que continuo a alimentar, a partir deste artigo, é de que se tratava duma geração (embora muito diferenciada tanto em termos culturais quanto em termos de instrução, ou de classe de origem) unida em torno de uma ideia central: a luta pela independência e o mundo novo que iriam criar. Havia provavelmente os que já então tinham ambições pessoais mesquinhas e outros apenas eram idealistas, pensando só no destino coletivo.

Assim, a análise do período da revolução e dos anos seguintes às independências de Angola e Guiné-Bissau, fundamentados no materialismo histórico e dialético,<sup>4</sup> visava segundo as teses defendidas por intelectuais revolucionários, a redução do fosso da pobreza extrema que existia entre as populações.

Estou em crer ainda existir a possibilidade de operar mudanças, não obstante a incapacidade destes Estados em proceder a transformações sociais e políticas significativas.

Há a necessidade de se operar o diagnóstico autocrítico do processo revolucionário como um todo e, com isso, proceder a uma análise efetivamente crítica da história da luta de libertação na sua vertente ideológica e das contradições inerentes a uma estrutura social em constante mutação.

## **A literatura no processo de reescrita da história**

Entretanto, tanto a continuidade como a ruptura representam dois aspectos relevantes para a compreensão da História de Angola e da Guiné-Bissau. Definindo conceptualmente a liberdade, Joseph Ki-Zerbo (2006, p. 17) dizia que ela

Representa a capacidade do ser humano para 'inventar', para se 'projetar para diante rumo a novas opções, adições, descobertas'. E a necessidade representa as estruturas sociais, econômicas e culturais que, pouco a pouco, vão se instalando, por vezes de forma subterrânea, até se imporem, desembocando à luz do dia numa configuração nova.

Assim os dois pés da História, a história-necessidade e a história-invenção, ambas antecipam o sentido do processo (a liberdade) e, simultaneamente, constituem portas abertas para o futuro (necessidade). Porque a história-invenção reclama o futuro e a história-necessidade postula a abertura para o devir.

Escrever é produzir devires histórico, literário e cultural nas nações africanas de língua portuguesa. Apresenta, assim, sinais críticos do olhar sobre o passado, mas

---

<sup>4</sup> É o método que Cabral achava ideal para se estudar e compreender as realidades plurais africanas, a ponto de, por exemplo, afirmar que se há crise nas revoluções africanas esta advinha do desconhecimento das realidades concretas dos povos e dos países africanos.

que descortinam o presente e, por outro lado, constituem-se em estratégias discursivas que nos orientam em direção ao futuro utópico como devires histórico, literário e cultural.

Para seus escritores, a literatura, como estética de criação verbal, traduz o desejo e a necessidade de descobrirem-se a si no mundo. Ela, como uma das formas de representação imagética, abre espaços para a compreensão de vários fenômenos como, por exemplo, a imagem, o espaço e o tempo, e as personagens da narrativa que, muitas das vezes, se confundem com as pessoas reais.

Entre um polo e outro, estabelece-se na narrativa a fronteira natural entre colonizador e colonizado e destes entre si. E, por outro lado, procuramos responder à seguinte questão: será que o imaginário literário contribui na representação da figura do intelectual não apenas como produtor da literatura, mas, principalmente, como produto desta?

A palavra é um dos signos existenciais mais valiosos e sagrados numa sociedade. Ela institui e aperfeiçoa a simetria imaginária de relações duradouras que são estabelecidas no seu seio. A palavra nutre a sociedade de significâncias. Tal como dissera Wassily Kandinsky (2008, p. 11), a forma (da arte) é a expressão exterior do conteúdo interior. É por isso que a “necessidade cria a forma. [...] De igual modo o espírito de cada artista se reflete na forma. (Pois) a forma tem o selo da sua ‘personalidade’”.

Eis porque insisto que o intelectual é produto da construção do imaginário literário, quer como agente, quer como paciente. Assim, Benaf “seguia toda [...] interferência de valores culturais antagônicos (Ocidente e a África das origens) que, na terrível luta de se destruírem, acabavam por se manter unidos como dois pólos dum ímam” (Barros, 1999, p. 110).

Os escritores Pepetela, Luandino Vieira e Filinto de Barros contribuem, com as suas obras, para a apreensão duma verdade sociocultural mais globalizante de seus países. Situam-se, portanto, por oposição aos próprios colegas intelectuais por terem personalidades multidimensionais, não se sentiram acuados pelo esvaimento da utopia.

Escrevem porque ainda acreditam na possibilidade de transformações sociais.

É como se de identidades parcelares desses escritores resultasse, inexoravelmente, a identidade coletiva conjuntiva e se construíssem realidades dentro das categorias do possível, com as forças vitais capturadas no fatalismo interesseiro, principalmente, quando não se consegue achar uma saída para a decadência ou quando “o medo se antepõe e se contrapõe à esperança”, no dizer de Bloch (2005).

Noutras palavras, é como se a raiz da subjetividade literária gerasse a auto-objetivação da representação do intelectual como chave do processo de abertura à novidade do futuro e, por isso mesmo, o próprio impulso da vida em sociedade.

O intelectual é a fundação *in integrum* do labirinto do mundo. É o sujeito que associa e problematiza tudo com adesão e criticidade: a ciência, a consciência, a vida e a sua cognição.

A personagem Teoria do *Mayombe*, segundo a minha leitura, parece evidenciar a transitividade de sua identidade por dois polos que, a priori, se excluiriam, cuja história, segundo suas próprias palavras é a dum “alienado que se aliena, esperando libertar-se” (Pepetela, 1982, p. 12). Mas, ao mesmo tempo, e sobretudo por isso mesmo, parece aceitar, todavia, esta ambivalência identitária, de quem, simplesmente, aceita a sua condição de mestiço angolano, igual a qualquer outro cidadão angolano, seja ele negro ou mestiço, seja ele branco, numa demonstração de que há sempre um lugar para o talvez – o lugar da conciliação.

Em *Kikia Matcho* o Homem Preto na conversa com Baifaz mostra-se interessado em buscar suas origens, ancorar-se nas raízes guineenses para poder ser aceito na tradição local. Para isso, propõe: “Qualquer dia vou dedicar o meu tempo a investigar donde vieram meus avós. Quem sabe, poderei descobrir o meu *djorson*<sup>5</sup>” (Barros, 1999, p. 121).

Assim, envoltos em temáticas que se assemelham, os escritores angolanos e o guineense situam-nos nas relações de interdependência entre a política, a sociologia, a etnologia e antropologia e história das sociedades angolanas e guineenses da pós-independência que nos conduzem à seguinte afirmação: a revolução terminou, hoje está-se a viver numa outra era, mais de continuidade e estruturação do social, sem mudanças violentas.

Mas, paradoxalmente, parece que na História quase nenhuma revolução conseguiu atingir, em pleno, seus objetivos! Até porque a meta dos revolucionários fulgura em horizontes prospectivos (o desejo libertário) e é muito problemático desenvolver projetos sem perder direções, quando elas próprias podem pressupor contínuas reconfigurações.

## Uma literatura com viés ideológico e revolucionário

Mayombe é o espaço da singularidade dum país que se erguia, donde estava a ser gestado o projeto da nova nação angolana. Este espaço desconhecido pelo colonizador também exercia medo nos guerrilheiros, com a sua floresta húmida, cheia de lamas e monstros e ambiente inóspito, e que ao mesmo tempo protegia-os das suas apreensões.

---

<sup>5</sup> *Djorson* é um termo em kriol guineense que denomina 'linhagem'. Para os pepel, uma das etnias da Guiné-Bissau, existem sete *djorson*, as quais correspondem aos sete sobrenomes da sua população.

Mayombe era o deus vegetal que abrigava os homens, mas que também obrigava as vozes a saírem ciciadas.

E assim,

Voltaram a retirar a arma a Ingratidão do Tuga. Não fizeram guarda. À noite, na mata, o melhor guarda era a impenetrabilidade do Mayombe. [...] Os morteiros, aliás, não eram utilizados como arma ofensiva, mas apenas para levantarem o moral dos soldados tugas, cercados numa mata desconhecida e temível, que escondia monstros aterrorizadores. O barulho acalmava-os. Dava-lhes consciência do seu poderio, protegia-os do seu próprio medo. (Pepetela, 1982, pp. 55-56)

O autor, servindo-se da intertextualidade das lendas gregas misturadas às lendas africanas em Angola, mostra, por meio da construção literária deste texto, um país criado por diversas culturas e em luta para não assistir a morte da mesma e muito menos ainda a do seu legado ancestral:

E os guerrilheiros perceberam então que o deus Mayombe lhes indicava, assim, que ali estava o seu tributo à coragem dos que o desafiavam: Zeus vergado a Prometeu, Zeus preocupado com a salvaguarda de Prometeu, arrependido de o ter agrilhado, enviando agora a águia, não para lhe furar o fígado, mas para o socorrer. (Terá sido Zeus que agrilhou Prometeu, ou o contrário?) [...] Zeus ajoelhado diante de Prometeu. E Prometeu dava impunemente o fogo aos homens, e a inteligência. E os homens compreendiam que Zeus, afinal, não era invencível, que Zeus se vergava à coragem, graças a Prometeu que lhes dá a inteligência e a força de se afirmarem homens em oposição aos deuses. Tal é o atributo do herói, o de levar os homens a desafiarem os deuses. Assim é Ogum, o Prometeu africano. (Pepetela, 1982, pp. 70-71)

A narrativa de Mayombe é feita em terceira pessoa por um narrador onisciente, assim como era onisciente o narrador do *Kikia Matcho* e de *Luuanda*, sendo que o primeiro conduz um coro plural de vozes que vão se revezando ao longo da narrativa; não obstante expressar a tensão interna do romance, este narrador está sempre em primazia da fala em relação aos demais.

Para dizer, outrossim, que o romance como projeto intencional da nacionalidade, abrange características sémicas provenientes da diferença, da diversidade, da alteridade e até mesmo da igualdade.

No romance de Filinto de Barros, temos um fio condutor dado e doado pelo único narrador que, porém, deixa a liberdade de enunciação às personagens-atores sociais que nele esbatem-se e debatem-se.

A floresta-personagem de *Mayombe* e a cidade-personagem de *Luuanda* são o espaço de nascimento da nação independente, que, ao nascer, debate questões futuras relativas à fragmentação racial e étnica; porém esses múltiplos narradores, cada

um a seu modo, irão focalizar a História angolana por ângulos diversos, em cujos depoimentos se expressam os choques das ideologias existentes no seio da revolução pela independência.

Assim, a floresta, este entrelugar, representa a individualidade que não inviabiliza a convivência coletiva, contudo, atua como elemento agregador da consciência utópica, traduzida nas falas do narrador-escritor, cujo artifício de pulverização de vozes narrativas, isto é, de outros narradores, acentua e nos remete ao conceito de multiperspectivismo de olhar e de falas inquietantes. Desse modo, o supranarrador, ou narrador onisciente e onipresente, atuando como duplo do autor, (con)funde-se com a autoria deste.

Em posição contrária estão os que tendo abandonado Bissau em busca das pensões por terem servido ou ao exército ou à administração coloniais, amargam-se nas ruas da quase-miséria, cada um buscando sua saída para a sobrevivência:

O fim da odisseia não foi tão feliz como esperavam. A pensão era muito pequena, não dava para sustentar uma família de mais de seis bocas. Ao contrário do famigerado [Marcelino] da Mata, o marido da Maria Amélia, vulgo N Malé, não tinha sido tão operacional [para o exército português]. Não matou com requintes de malvadez, não se passeou com o cinturão de orelhas das vítimas, não bebeu sangue do inimigo, logo não teve direito a medalha alguma. (Barros, 1999, p. 133)

Uma imagem marcante da narrativa. Símbolo da honestidade e, simultaneamente, da defesa da integridade física do povo.

Numa ilustração bem metafísica desta representação literária da imagem de como se deveria proceder em relação ao processo revolucionário ora em curso, tomaremos, pela segunda vez, o seguinte trecho do romance supracitado de Luandino Vieira:

em vez de continuar descer no caminho da raiz à procura do princípio, deixem o pensamento correr no fim, no fruto; que outro princípio e vão dar encontro aí com a castanha, ela já rasgou a pele seca e escura e as metades verdes abrem como um feijão e um pequeno pau está nascer debaixo da terra com beijos da chuva. 'O fio da vida não foi partido. Mais ainda: se querem outra vez voltar no fundo da terra pelo caminho da raiz, na vossa cabeça vai aparecer a castanha antiga, mãe escondida deste pau de cajus que derrubaram' mas filha enterrada doutro pau. [...] É preciso dizer um princípio que se escolhe: costuma se começar, para ser mais fácil, na raiz dos paus, na raiz das coisas, na raiz dos cacós, das 'conversas'. (Vieira, 1982, p. 85)

É o princípio do início do fim da era colonial que já vislumbrava na cena literária uma espécie de mobilização revolucionária da consciência nacional.

É a linguagem ritual da conscientização nacional, da construção duma dinâmica narrativa que comporta a organização religiosa do espaço urbano, o qual comporta

peçoas, papagaio, a esquadra de polícia, a plateia, os sonhos diurnos e noturnos, para a manutenção da sociedade numa marcha ordeira deste pequeno pedaço do universo.

Aliás, como diz Xico Futa:

Pode mesmo a gente saber, com a certeza, como um caso começou, aonde começou, porquê praquê quem? Saber mesmo o que estava se passar no coração da pessoa que faz, que procura, que desfaz ou estraga as conversas, nas macas? Ou tudo que passa na vida não pode-se-lhe agarrar no princípio, quando chega nesse princípio vê afinal esse mesmo princípio era também o fim doutro princípio e então, se a gente segue assim, para trás ou para frente, vê que ‘não pode se partir o fio da vida, [pois] mesmo que está podre nalgum lado, ele sempre se emenda noutro sítio’, ‘cresce, desvia, foge, avança, curva, pára, esconde, aparece...’ E digo isto, tenho minha razão. As pessoas falam, as gentes que está nas conversas, que sofrem os casos e as macas contam, e logo ali, ali mesmo, nessa hora em que passa qualquer confusão, cada qual fala a sua verdade e se continuam falar e discutir, ‘a verdade começa a dar fruta’, no fim mesmo uma quinda de verdade e uma quinda de mentiras, que a mentira duma hora da verdade ou o contrário mesmo. (Vieira, 1982, p. 82)

Ainda assim e dito por outras palavras, tratava-se duma atuação que apontava para a necessidade de prosseguir um percurso que levasse em direção à “grande Árvore da Vida que preenche a crosta terrestre com seus ramos mortos e quebrados e a superfície com suas ramificações que nunca deixam de se dividir e que estão sempre belas” (Darwin, 1859/2018, p. 145).

É a percepção da necessidade duma intervenção no espaço e no tempo, em que duas operações fundamentais são necessárias à própria práxis: separar objetos anteriormente unidos, depois associá-los, atribuindo-lhes qualidades complementares. É como se fosse “instrumento intelectual utilizado para organizar o mundo, ele serve também para detectar uma ordem subjacente que se esconde por trás das aparências e exprime uma vontade de equilíbrio cósmico” (Lallemand, 1978, pp. 36-37).

## Conclusão

Sabe-se que a literatura não faz revolução (nem tão-pouco este é seu propósito, pelo menos a revolução por via de armas), mas ela desperta a mente dos sujeitos duma determinada coletividade humana para a percepção do que podem significar as diferentes formas de revolução.

Estas diferentes formas de revolução são, no fundo, tentativas imagéticas (ou de construção de imaginários sociais) e, por extensão, ideológicas, com vista à criação de nova consciência social dos (entre os) homens.

Assim sendo, nos romance citados, o externo, o deslocado, o social, o realocado, em suma, a história, o *continuum* necessário, importam “não como causa, nem como significado, mas como elemento(s) que desempenha(m) um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, interno” (Candido, 1985, p. 4).

## Referências bibliográficas

- Abdala Júnior, B. (2002). *Fronteiras múltiplas, identidades plurais: Um ensaio sobre mestiçagem e hibridismo cultural*. SENAC.
- Abdala Júnior, B. (2007). *Literatura, história e política: Literaturas de língua portuguesa no século XX* (2ª ed.). Ateliê Editorial. (Obra original publicada em 1989)
- Abdala Júnior, B. (2008). Administração da diferença, preservação da hegemonia. *Via Atlantica*, 13, pp. 11-27.
- Anderson, B. (2002). *L'imaginaire national: Réflexions sur l'origine et l'essor du nationalisme* (P.-E. Douzat, Trad.). La Découverte & Syros. (Obra original publicada em 1983)
- Barros, F. de. (1999). *Kikia matcho: O desalento do combatente*. Caminho.
- Bloch, E. (2005). *O princípio esperança* (Vol. I) (N. Schneider, Trad.). UERJ & Contraponto. (Obra original publicada em 1954)
- Candido, A. (1985). *Literatura e sociedade: Estudos de teoria e história literária* (7ª ed.). Nacional.
- Darwin, C. (2018). *A origem das espécies* (D. M. Miranda, Trad.). Edipro. (Obra original publicada em 1859)
- Gramsci, A. (2004). *Escritos políticos (1910-1920)* (Vol. I). Civilização Brasileira.
- Kandinsky, W. (2008). *Gramática da criação*. Edições 70.
- Ki-Zerbo, J. (2006). *Para quando a África: Entrevista com René Holenstein* (C. Aboim de Brito, Trad.). Pallas.
- Lallemand, S. (1978). Cosmologia, cosmogenia. Em M. Augé (Org.), *A construção do mundo: Religião, representações, ideologia* (pp. 25-42). Edições 70.
- Llosa, M. V. (2011, 13 de maio). Entrevista para o Caderno da Cultura. *O Estado de São Paulo*.
- Pepetela. (1982). *Mayombe*. Ática.
- Pepetela. (1995). *O desejo de Kianda*. Dom Quixote.
- Vieira, J. L. (1982). *Luuanda*. Ática.